



III CIFA
COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
"TERRA, MULHERES E SÓC. COMUNS"

CARROSSEL DA COMUNICAÇÃO E DA CULTURA POPULAR: UMA EXPERIÊNCIA FEMINISTA DE INTERCÂMBIO DE SABERES E PRÁTICAS¹

SOUZA, Natália²; LIMA, Thainara³ SANTANA, Bianca³ GARDÊNIA, Danubia³ TAVARES, Patricia³ DAMIGO, Luiza³ DUARTE, Muriel³

² Doutoranda em Ciências Sociais UNICAMP

³ Geógrafa UFSCar campus Sorocaba

⁴ Estudante de Agronomia UFRRJ

⁵ Cientista Social (UFMG)

⁶ Educadora do IFB Planaltina

⁷ Comunicadora Social e estudante de Agroecologia (UFPR)

⁸ Psicóloga (UEL)

RESUMO

Animar processos de formação em comunicação e cultura popular, tendo a agroecologia, a educação popular e a experiência de diferentes linguagens como pontos de partida: este é o objetivo dos processos de formação animados por mulheres integrantes do Grupo de Trabalho de Comunicação e Cultura da ABA-Agroecologia e realizado em parceria com redes, movimentos sociais e organizações atuantes nos territórios. O primeiro Carrossel acontece em 2013, em parceria com o Ponto de Cultura Rural e com a Rede de Núcleos de Agroecologia do Sudeste (Comboio) em Bom Jardim (RJ) e, o segundo, realizado em 2018, é fruto da parceria com as juventudes do Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba e com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Este relato partilha aprendizados na construção dessas tessituras inspiradas nos saberes e fazeres populares a partir de uma perspectiva feminista.

PALAVRAS-CHAVE: ABA-Agroecologia; Comunicação Popular; Cultura; Território;

INTRODUÇÃO

Comunicar nossas ações e dialogar com a sociedade, transbordando o alcance das fronteiras estabelecidas pelas nossas redes internas, vem sendo um esforço coletivo da agroecologia. Cada vez mais observamos a compreensão coletiva de que é preciso fortalecer nossas lutas, manter as nossas resistências, mas também, expandir nossas redes de diálogo, proteção e ação política. Assim, para que a agroecologia seja uma aposta coletiva transformadora das relações, entre tantas outras, de produção, consumo e comercialização - epidermes profundas das nossas tramas sociais - é preciso que mais pessoas façam a aposta de construí-la como um projeto estruturante.

Neste mesmo deslocamento, ao compreender a agroecologia enquanto movimento, ciência e prática (WEZEL et al., 2009), a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) vem, nos últimos anos, tecendo processos pedagógicos orientados pela cultura e pela comunicação popular como oportunidade de reencantar e construir novos formatos e caminhos de diálogo com a sociedade.

Desde a preparação para o III Encontro Nacional de Agroecologia em Juazeiro (BA), quando a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) propõe a construção de uma rede de comunicadoras/es pelo Brasil, as articulações estaduais e regionais de agroecologia passam a ser provocadas por perguntas, propostas e estratégias que relocalizam o papel da comunicação na construção da agroecologia. Não bastava desenhar produtos, panfletos e produzir vídeos e fotos, muito menos compreender a comunicação

¹ Projeto, sem remuneração às educadoras, apoiado com recursos da vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde da Fiocruz e do Projeto Comboio Sudeste CNPQ/MDA.



como ferramenta acionada para cobertura de eventos, lançamentos e atos, a bandeira era fortalecer a comunicação como um direito e, portanto, com um dos pilares estruturantes para a luta contra o agronegócio, o capital e tantos outros silenciamentos produzidos pela mídia hegemônica.

Nesse processo, repleto de frutos descentralizados que ainda reverberam por vários cantos, nasce também um embrião do coletivo de comunicação da região Sudeste que passa a ganhar forma com o envolvimento da equipe e de parceiras/os da Rede de Núcleos de Agroecologia do Sudeste (que contou com apoio do projeto “Comboio Agroecológico do Sudeste” MDA/CNPq durante os anos de 2013 a 2016). Entre muitas atividades², a rede reuniu estudantes, pesquisadoras/es e profissionais de diferentes áreas da agroecologia, da comunicação, da cultura e da educação popular dos estados do RJ, SP, MG e ES.

A princípio, pensado para garantir e potencializar um processo colaborativo de cobertura comunicativa das Caravanas realizadas por todo o Sudeste, com o final do projeto Comboio, parte desse coletivo passa a compor o atual GT de Cultura e Comunicação da ABA, que segue tecendo parcerias e contatos com outros grupos e movimentos, tendo em sua caminhada a proposta de fortalecer diferentes atividades em torno da comunicação, cultura popular e da agroecologia.

A ideia do Carrossel de Linguagens nasce em março de 2015, quando então, é realizado, pela primeira vez, no Ponto de Cultura Rural de Santo Antônio (Bom Jardim – RJ), a primeira versão da formação integrada envolvendo um cardápio de linguagens formativas adaptado à realidade e demandas da Caravana Agroecológica e Cultural do Espírito Santo. Muito mais do que pensar planejamentos e entregas dos produtos de comunicação, a imersão se transforma em uma oportunidade de aproximar diferentes sujeitos, redes, experiências e organizações da região.

Cinco anos depois, tendo na bagagem diferentes experiências, entre as quais estão o Projeto de Sistematização de Experiências dos Núcleos de Agroecologia (ABA/CNPq/UFV/UFRRJ/UFRRPE), o II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (ABA) e a cobertura colaborativa e produção cultural IV ENA, na edição de Paraty, realizada em novembro de 2018, os temas geradores foram os múltiplos encontros entre saúde e agroecologia.

Novamente potencializando processos em curso, a segunda edição do Carrossel compôs parte do processo preparatório da construção do “I Encontro de Diálogos e Convergências: Saúde e Agroecologia”, construído em parceria com vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde da Fiocruz, ANA e ABA, e realizada no quilombo do Campinho da Independência, participam além das juventudes do território, também representantes de outras redes, movimentos e iniciativas parceiras e inspiradoras.

A equipe multidisciplinar desta segunda experiência foi composta exclusivamente por mulheres, de maneira explícita³, reunindo educadores com diferentes formações acadêmicas, experiências e trajetórias na agroecologia. É assim que um universo sensível de reflexões, ganha novos contornos e práticas e a aposta nessa composição feminina e nas referências da comunicação e da cultura popular protagonizada

² Dentre as quais se destacam além das Caravanas, três cursos de formação regional, sendo um deles, realizado de forma itinerante pelas comunidades rurais de Minas Gerais, tendo a cultura como temática de estudo, pesquisa e ação.

³ Ainda que na primeira edição isso também tenha acontecido na equipe de produção da atividade.



por mulheres, traça novos voos nos quais os conceitos partilhados abaixo são construções inspiradoras.

Para Peruzzo (1998), a comunicação popular é uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares. Não tem necessariamente a ver com canais e mídias, mas com um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Segundo Cipolla (2017), o ciberfeminismo - nascente do movimento feminista na comunicação - data dos anos 80, após o Manifesto Ciborgue escrito por Donna Haraway que reafirma que nós mulheres, podemos ser responsáveis pelo que existe e pelo que podemos criar na comunicação (Haraway, 2000).

Dentre as contribuições de Cipolla (2017), ela apresenta que nos últimos anos são nessas plataformas de comunicação virtual e, complementando a ideia apresentada por ela, também nos processos de troca e comunicação presenciais (rodas de conversa e acolhimento), que casos de violência contra a mulher e machismos, em suas diversas formas, são expostos e discutidos por mulheres e homens. Segundo ela: *“Esses espaços criam vínculos e geram debates muito importantes e contribuem para a formação feminista de muitas mulheres, que quando discutem seus problemas, se identificam umas com as outras”* (CIPOLLA, 2017).

Nessa direção nossa prática feminista é inspirada em uma perspectiva descolonizadora, como traz as contribuições de Lugone (2014), para quem a perspectiva coletiva é chave para ação política, segundo a autora:

Não se resiste sozinha à colonialidade do gênero. Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo e de viver nele que é compartilhada e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento. Comunidades, mais que indivíduos, tomam possível o fazer; alguém faz com mais alguém, não em isolamento individualista (LUGONE, 2014).

Tendo esses conceitos de feminismo e de descolonialidade como apoio para nossas reflexões, mas, sobretudo, para nossas ações pedagógicas do Carrossel, não seria possível tratar a cultura popular com descuido, como uma categoria alegórica. Para nós é preciso compreender o feminismo e a análise política da cultura, sua cosmopolítica, sua força geo-corpo-política e destrinchar os desafios dos feminismos descoloniais como aponta Costa (2014: p. 82), para quem:

Os estudos culturais não são uma teoria sobre a cultura popular (massiva), tampouco uma teoria crítica cultural, mas uma crítica da vida cotidiana. Sua incumbência mais importante e urgente é a de captar as determinações e inter-relações múltiplas entre formas culturais e forças históricas, sem perder de vista a cumplicidade do/a crítico/a com as estruturas de poder e privilégio nas quais está inserido/a”.

Dessa forma, dialogamos também com Grossberg (1997), para que os estudos culturais possam começar com a cultura, mas devam transbordar, suas análises e ações para fora dela. As experiências das oficinas do Carrossel tiveram como intenção, a partir da metodologia indicada abaixo, abordar a cultura, a comunicação e o feminismo, buscando, como aponta as autoras acima, incidir sobre as relações de poder que formam o contexto da vida cotidiana das pessoas.

METODOLOGIA



Como inspirações metodológicas desse processo educativo, estão as conexões entre a Arte, a Cultura, a Ancestralidade e a Comunicação; os exercícios práticos para desenvolvimento das habilidades (a partir das realidades e desafios concretos e conectados às experiências da agroecologia), o intercâmbio com comunidades nos territórios - rurais ou urbanos - a mobilização de comunicadoras/es populares parceiras/os e o desenvolvimento de atividades inspiradas nos saberes, resistências, denúncias e anúncios territoriais.

As linguagens indicadas para cada Carrossel (Facilitação Gráfica, Fotografia, Audiovisual, Escrita Criativa, Produção Cultural, Rádio, Dança, Design Gráfico, Teatro, Música e muitas outras) podem ser reduzidas, ampliadas e reajustadas de acordo com cada território, realidade ou demanda. A metodologia, organizada de forma muito sintética e didática, envolve sete passos:

1. Pactuação de Parceria Territorial (Equipe + Organização Parceira Local);
2. Reunião de Planejamento com a Equipe Local + Equipe Carrossel - Definição dos objetivos, da hospedagem, datas e especificidades e envio de roteiro para definição coletiva das linguagens junto aos jovens dos territórios;
3. Definição de Equipe de Comunicadoras (preferencialmente mobilizamos mulheres) de acordo com o retorno dos territórios;
4. Organização e produção dos materiais de apoio;
5. Reunião Equipe Carrossel + Equipe de Apoio Local para detalhamento da programação e da infraestrutura;
6. Chegada com um ou dois dias de antecedência para preparação do ambiente;
7. Realização do carrossel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

*“Não seria possível fazer sem errar. Autocrítica é força. Não nos isolemos” Valdimir Saflate FFLCH - USP
(Pós eleições - construindo a resistência)*

A proposta das atividades foi reunir juventudes, principalmente, aquelas e aqueles vinculadas/os aos movimentos sociais, organizações e redes de agroecologia em cada território, em uma imersão criativa de troca de experiências e intercâmbios. As duas oficinas buscaram a construção da autonomia de jovens, do campo e da cidade, na cobertura colaborativa de encontros, seminários e eventos, tendo a cultura popular e suas várias linguagens como força impulsora.

Foram avaliados como aspectos positivos do Carrossel a catalisação de processos com a juventude das regiões (Sudeste e da Baía de Ilha Grande), que possibilitou a aproximação das pessoas, bem como a troca de experiências entre cada território. Além disso, também foram celebrados o acolhimento de participantes e as metodologias de ensino e aprendizagem como “um processo leve, alegre e de criação coletiva”. Como pontos a serem melhorados está a duração da oficina - que para muitas/os deveria ser mais longa - e que “também deveria envolver todas/os em todas as linguagens possíveis”. Como proposição, foi



externalizada a necessidade de manter uma coesão entre o grupo como desdobramento das atividades.

Enquanto coletivo de mulheres envolvidas nessa construção, avaliamos como positiva a potência do trabalho feminino e feminista, identidade e memória da agroecologia. Em um processo de intensas reflexões e autocríticas, construído a partir de encontros virtuais de planejamento e avaliação, identificamos a dificuldade de planejamento mais qualificado da programação por conta da conjuntura política (campanha eleitoral de 2018), a necessidade de maior envolvimento de representação das juventudes na construção da programação, para além da equipe local da Fiocruz, e definição das linguagens e a grande demanda de integração entre juventudes diferentes como estratégia de formação, intercâmbio e fortalecimento das redes.

Avalia-se como ganho a potência dos exercícios práticos, que superam as formações pautadas em falas centralizadas, slides e demais formatos hegemônicos e pouco atrativos. A garantia de alimentação coerente e agroecológica e a força da diversidade gerada pela presença de diferentes comunidades também foram pontos avaliados em momentos posteriores de cuidado entre as integrantes da equipe.

Os desafios de interação indígena, com as suas linguagens e temporalidades específicas, também foram identificados como um ponto que precisa de maior preparação prévia.

Por fim, observamos a fragilidade gerada pelo desconhecimento de agendas e processos e pela não participação das juventudes em processos políticos que envolvem decisões ainda muito centralizadas nas lideranças políticas dos territórios e das organizações.

Em extensa maioria, essas decisões ainda estão, predominantemente concentradas em homens adultos ou mulheres adultas que, em alguns casos, também apresentam dificuldades em abrir espaços acolhedores e saudáveis de diálogo, renovação política e construção, de fato, coletiva. Infelizmente heranças do patriarcado que permanecem demarcando práticas da agroecologia.

Para nós foi emocionante, ao longo dos dois dias de formação em Paraty, observar as mulheres jovens narrando, reelaborando e escrevendo suas próprias histórias enquanto sujeitas que combatem, enfrentam e reinventam silenciamentos dos discursos brancos, masculinizados e colonizadores.

Espera-se que outros Carrosséis possam ser realizados de forma colaborativa e integrada nas várias regiões do país, como etapas preparatórias ao XI Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), previsto para novembro de 2019 em Aracaju (SE).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só quero que saiba – NÃO VAMOS DESISTIR! A força que te fez lutar, hoje está em mim. Não luto só com armas que fazem sangrar. A minha arma também acerta o coração e a mente. E me faz agir Tudo que hoje eu sei. Sei que vieram de ti (Texto de Raisia Francisco, do Quilombo Santa Rita do Bracuí (RJ) produzido na segunda edição do Carrossel⁴).

A construção de processos educativos inspirados em formas participativas e populares nos nutre e fortalece enquanto sujeitas e coletivo. Acreditamos que a criação de meios de aprendizagem emancipadores

⁴ Para ler texto e relato completos, acesse "Para que possamos ser luz" - Associação Brasileira de Agroecologia: <http://aba-agroecologia.org.br/chamas-acesas-que-possamos-ser-luz/>



se dará pela desconstrução de práticas autoritárias e pela valorização do conhecimento popular. Juntas reafirmamos a potência de trocas que empoderam e alegram, e nos descortinam maneiras plurais de partilhar conhecimento e de enxergar.

Assim, facilitado por um grupo de mulheres e construído juntamente às juventudes de territórios de resistência de comunidades tradicionais, o Carrossel de Cultura e Comunicação Popular buscou provocar outros olhares e narrativas para contar nossas histórias de resistência, afeto e rebeldia.

REFERÊNCIAS

CIPOLLA, Marina. **“Comunicação feminista para além das margens: Análise do coletivo - Nós, mulheres da periferia”** TCC, ECA/USP, 2017. Acessível em: https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/artigo_-_marina_martins_cipolla.pdf

COSTA, Claudia. **Os estudos culturais na encruzilhada dos feminismos materiais e descoloniais.** Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 44, p. 79-103, jul./dez. 2014. Acessível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a05n44.pdf>

HARAWAY, D. **Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX.** in Tomaz Tadeu (org.), Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano. p. 34-118. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GROSSBERG, Lawrence (1997). **Cultural studies, modern logics, and theories of globalization.** In: McROBBIE, Angela (Ed.). Back to reality? Social experience and cultural studies. Manchester: Manchester University Press.

LUGONE, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial.** Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 935-952, setembro-dezembro/2014

PERUZZO, Cicília. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** 3 ed. São Paulo: Vozes, 2004.